

Editorial N° 03/2023

História Ambiental: Histórias Globais da Natureza e Cultura

Sandro Dutra e Silva ^I

Pedro Roberto Jacobi ^{II}

Rylanneive Leonardo Pontes Teixeira ^{III}

Zenaida Lauda-Rodriguez ^{IV}

Lira Luz Benites Lazaro ^V

São Paulo. Vol. 26, 2023

Editorial

^I Universidade Estadual de Goiás, Universidade Evangélica de Goiás, Brasil

^{II} Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

^{III} Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

^{IV} Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

^V Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoceditorialPT2023L5ED>

O sociólogo britânico Anthony Giddens tem nos advertido que a condição histórica na qual sociedade contemporânea tem experimentado, o que ele define como modernidade, é uma sociedade repleta de riscos e constantes ameaças. Essa concepção não tem a finalidade escatológica de despertar o caos ou o desespero coletivo, mas é uma reflexão sobre a modernidade, seus riscos e desafios (Giddens, 1991). Diferente das abordagens sociológicas mais otimistas, que consideravam que o avanço da modernidade nos levaria a uma sociedade mais justa e igualitária, ou mesmo à consolidação de um tipo novo de solidariedade, fundamentada na diversidade, Giddens nos alerta para as ameaças e riscos muitas vezes não imaginados pelo pensamento sociológico clássico. Por isso, é que suas reflexões sobre a “ultramodernidade” é um chamado de alerta, de atenção histórica sobre fenômenos que podem ocorrer fora no radar teórico e das previsões mais utópicas, como por exemplo, a emergência de totalitarismos e movimentos de resistência ao conhecimento científico, por exemplo. E do ponto de vista ambiental, a voz profética que nos alerta sobre os riscos envolvendo o aquecimento global, as mudanças climáticas, o avanço sem precedentes da destruição de ecossistemas, a ocorrência incêndios que nos últimos anos tem atingidos diferentes formações ecológicas no globo, as ameaças às comunidades e povos tradicionais e seus direitos ancestrais, bem como outros fenômenos socioambientais globalmente recorrentes. Esse é um tema que envolve os diferentes campos do conhecimento, mas cujo caminho reflexivo tem exigido cada vez mais a compreensão dos processos históricos envolvidos, e os riscos que historicamente se repetem e perpetuam.

Muitas vezes os caminhos históricos nos apontam para visões românticas sobre o progresso e suas promessas. Mas ao mesmo tempo, como nos alerta Giddens, a desilusão ao “progresso”, é também um dos fatores que fundamentaram a dissolução de “narrativas” da história (Giddens, 1991). Nesse sentido, o ponto de vista histórico, e em especial a história ambiental, pode ser uma ferramenta do conhecimento fecundo e auxiliar no desenvolvimento crítico sobre as consequências da modernidade e no rompimento com certas limitações muito presentes nas perspectivas desenvolvimentista, por exemplo, que tem imperado na relação como ambiente e sociedade se apresentam no contexto latino-americano.

Quando consideramos a abordagem histórica na ultramodernidade não podemos perder de vista as concepções desenvolvidas pelo pensamento ocidental na construção de um conceito instrumental da natureza, com base na ruptura entre o mundo natural e social. A ruptura entre ambiente e sociedade gerava outra ruptura epistemológica, no qual a natureza passava a ser considerada como um tipo de conhecimento exclusivo das ciências naturais. Esse é um tema que parece já estar superado, apesar de que ainda persiste a luta simbólica de campos do conhecimento que se intitulam como detentores do conhecimento e do saber ambiental. E é justamente nessa defesa que vozes como a de Anthony Giddens se unem na crítica epistemológica e na defesa da indissociabilidade entre os problemas sociais e os ambientais (Giddens, 1998). E isso se justifica no fato de pensarmos a natureza a partir de escolhas, ações e práticas sociais, que impactam em processos históricos de mudanças ambientais. Dentre essas vozes destacamos a importante contribuição de Enrique Leff sobre a racionalidade ambiental (Leff, 2001). Enrique Leff se posiciona em defesa da ampliação das fronteiras do conhecimento quando pensamos

na epistemologia e na racionalidade ambiental. O pensamento ambiental em Leff é inclusivo e democrático, propondo, por exemplo, a adesão de outras formas não-científicas do conhecimento. O saber ambiental como conhecimento errante, desprendido das armadilhas do progresso e outras externalidades dominantes. Essas externalidades podem ser de ordem econômica, social e política, com também pode representar até mesmo o monopólio científico-tecnológico do conhecimento, muitas vezes também excludente e demarcador de fronteiras (Leff, 2001).

E por considerar a importância dos ensinamentos de Leff, que nos apontam para uma ecologia da vida, das relações, do engajamento e da esperança, esse editorial também gostaria de prestar uma homenagem especial a um grande pensador e ativista brasileiro, que defende a natureza, as ancestralidades, os territórios e as territorialidades, e que nos deixou no dia 07 de setembro de 2023. Carlos Walter Porto-Gonçalves foi um dos mais importantes geógrafos de sua geração, e um pensador dedicado às questões socioambientais no Brasil e América Latina. Na academia foi responsável pela formação de mestres e doutores engajados na defesa dos territórios e saberes que vão além das fronteiras acadêmicas. Procurou se aproximar dos movimentos ambientais, com destaque por sua atuação em apoio a Chico Mendes e aos movimentos em defesa dos povos do campo, das cidades, e das florestas. Por isso, essa edição também é uma homenagem a Carlos Walter Porto-Gonçalves, pelo reconhecimento e inspiração na construção de um saber ambiental plural e engajado. Considerando a ampliação e o diálogo entre os campos da epistemologia ambiental e a interface qualificada com diferentes áreas do conhecimento, os editores de Ambiente & Sociedade apresentam essa nova edição, com artigos importantes e ricos no debate interdisciplinar envolvendo as humanidades ambientais.

Assim, essa edição espera contribuir com a ampliação do debate em ambiente e sociedade, cheios de desafios, oportunidades e esperança, e abrimos o Volume 27 da Revista Ambiente & Sociedade.

No artigo **“Avaliação Ambiental do Uso de Agrotóxicos na Região do Cerrado do Brasil”**, os autores, Marina Teodoro, Vitor S. Duarte, Mariana R. M. Costa, Ryan Nehring, Sandro Dutra e Silva, Giovanni A. Boggione & Hamilton B. Napolitano, procuram relacionar a expansão da fronteira agrícola no Cerrado com o uso sem precedentes de pesticidas, com ênfase no glifosato e na atrazina. Essa pesquisa, feita de forma interdisciplinar, e envolvendo diferentes grupos de pesquisa, propõe um mapeamento do consumo médio estimado de agrotóxicos por safra e os riscos associados à contaminação por glifosato e atrazina no estado de Goiás. Os argumentos deste artigo nos ajudam a refletir acerca dos desafios e ameaças para produção de alimentos de forma sustentável no Cerrado brasileiro.

Os autores Leonardo Marques Pacheco & Carlos Valério Aguiar Gomes, em seu artigo **“A trajetória do movimento social do extrativismo florestal: Mudanças nas lutas e estratégias políticas, demandas e conquistas na Amazônia brasileira”**, analisam o papel central dos movimentos sociais surgidos na década de 1980 na América Latina. Os pesquisadores analisam as transformações históricas em relação às conquistas, estratégias e demandas das populações extrativistas, com ênfase na Amazônia brasileira. O principal

argumento é que o movimento continua forte na região, mas com lutas simbólicas em relação às metas e propósitos do movimento.

Além dos artigos relativos à temática da história ambiental, essa edição da Revista Ambiente & Sociedade conta outros artigos numa perspectiva interdisciplinar sobre as questões que envolvem a relação entre ambiente e sociedade. Nesse sentido, no artigo **“Convivencialidade e sustentabilidade: estudos de caso sobre a governança de recursos naturais no Brasil”**, Tiago Juliano, Caroline Malagutti Fassina, Cristina Isis Buck Silva, Francisco Alcicley Vasconcelos Andrade & Edson Pereira de Souza Leão Neto exploram, de forma comparativa, as possibilidades e limitações à convivencialidade no regime da produção de meliponíneos e da pesca manejada do pirarucu (*Arapaima spp.*) na região amazônica, e do extrativismo do palmito juçara (*Euterpe edulis*) em porções da Mata Atlântica. Os resultados do artigo concluem que a retomada do sentido comunal como princípio de ação política pode ser um fator que possibilita horizontes mais amplos quanto à sustentabilidade dos regimes de governança desses recursos.

Os autores Aline Costa Gonzalez, Irene Carniatto & Vilmar Alves Pereira, em seu artigo **“Impactos dos Desastres Socioambientais no Oeste do Paraná entre 2010 e 2020”**, realizam uma análise dos desastres socioambientais e seus impactos em três municípios do Oeste do Paraná (PR), utilizando-se da análise de documentos e outros dados secundários. Com isso, os resultados deste artigo mostram que vendavais, alagamentos e granizos são os desastres mais frequentes na região estudada. Esse cenário, segundo os autores, corrobora para a necessidade de ações de gestão de riscos e de desastres, subsidiando processos de adaptação dos municípios às mudanças climáticas, com redução dos riscos e dos desastres.

No artigo **“A produção do humano na Oceanografia Clássica: uma crítica a partir da Oceanografia Socioambiental”**, os autores Gustavo Goulart Moreira Moura & Antônio Carlos Sant’Ana Diegues versam acerca da produção do pescador artesanal através da análise de um grupo de profissionais que mobilizou conhecimentos e verdades para a criação de uma legislação de pesca no estuário da Lagoa dos Patos, no Rio Grande do Sul (RS). Seguindo a perspectiva da Oceanografia Socioambiental, os pesquisadores constatarem uma formação discursiva estruturada por eixos paradigmáticos clássicos da oceanografia, promovendo a estereotipificação dos pescadores artesanais e a criação de políticas públicas de pesca.

A partir de uma avaliação do ciclo de vida híbrida, utilizando-se da Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) de 2008 a 2018, Celso da Silveira Cachola & Sérgio Almeida Pacca, no artigo **“Emissões de carbono das famílias brasileiras por meio da POF e da matriz de insumo-produto”**, analisam a pegada de carbono das famílias brasileiras. Os resultados obtidos pelos autores indicam que as famílias brasileiras mais pobres foram responsáveis por quase 12% do total de emissões de carbono em 2018, enquanto que as mais ricas por cerca de 8% do total dessas emissões (ainda que representassem quase 2,5% do total de famílias brasileiras em 2018).

Em seu artigo **“Environmental assessment of pesticide use in the cerrado region of Brazil”**, os pesquisadores Marina Teodoro, Vitor S. Duarte, Mariana R. M. Costa, Ryan Nehring, Sandro D. Silva, Giovanni A. Boggione & Hamilton B. Napolitano realizam um mapeamento do consumo médio de pesticidas por safra, e uma compreensão dos riscos de contaminação por glifosato e atrazina no estado de Goiás (GO). Os resultados desse artigo possibilitam compreender que as áreas em estudo servem de base para o entendimento dos desafios e das oportunidades de sustentabilidade associados à agricultura no cerrado brasileiro.

As autoras Giulia de Paula Silveira & Elisa Hardt desenvolveram o artigo **“Impacto da certificação REDD+ nas taxas de desmatamento da RESEX Rio Preto-Jacundá na Amazônia”**, cujo objetivo é avaliar o impacto de um Projeto REDD+ para a conservação de floresta da RESEX Rio Preto-Jacundá, no estado de Rondônia (RO). A partir de uma análise quantitativa de forma comparativa entre dois períodos temporais (2004-2012 e 2012-2020), os resultados do artigo apontam que, depois de 2015, há uma maior tendência de desmatamentos dentro da RESEX em detrimento ao estado de RO; enquanto que, entre os anos de 2016 e 2019, todos os desmatamentos aconteceram dentro dos limites do Projeto REDD+.

Com base na aplicação de uma matriz de indicadores, Anna Carolina Espósito Sanchez & Valéria Ghislotti Iared, em seu artigo **“Educação ambiental na rede pública de ensino do oeste do Paraná”**, analisam a incorporação da educação ambiental em escolas estaduais situadas no Núcleo Regional de Toledo, no PR. As autoras desse artigo, em termos de resultados, observaram que as 59 escolas participantes relatam a existência de ações em educação ambiental; mas destacam que os recursos tanto financeiros quanto humanos para a área, bem como a aproximação das escolas com as comunidades do entorno se mostram bastante frágil. Com isso, o artigo nos permite fazer um panorama da percepção e atuação das escolas no campo da educação ambiental, embora sejam necessários estudos ainda mais amplos.

No artigo **“A trajetória do movimento social dos extrativistas florestais da Amazônia: Mudanças nas lutas políticas, estratégias, demandas e conquistas”**, Leonardo Marques Pacheco & Carlos Valério Aguiar Gomes analisam como as mudanças têm afetado a dinâmica relacionada à mudança de escala; assim como essa mudança afeta a percepção de conquistas, estratégias e demandas pelo movimento dos extrativistas florestais da Amazônia brasileira, utilizando-se, para isso, de arquivos de organizações locais e nacionais, e entrevistas aplicadas a lideranças do movimento social em questão. Os resultados do artigo apontam que o movimento (marcante na região até os dias atuais) vem modificando suas estratégias e demandas, mas o que não significa dizer que estão se tornando menos eficazes em reivindicarem suas demandas por meio da política.

Desejamos a todos uma leitura gratificante!

Referências

GIDDENS, Anthony. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: UNESP, 1998.

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora Unesp, 1991

LEFF, E. Epistemologia Ambiental. São Paulo: Cortez, 2001

Sandro Dutra e Silva

2023;26:e00005

✉ sandrodutr@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0001-5726>

Pedro Roberto Jacobi

✉ prjacobi@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6143-3019>

Rylanneive Leonardo Pontes Teixeira

✉ pontesrylanneive@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8635-3234>

Zenaida Luisa Lauda-Rodriguez

✉ zeni.lauda.rodriguez@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2432-0255>

Lira Luz Benites Lazaro

✉ lbenites@usp.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6587-1497>